

# O ESTADO ISLÂMICO E A ATERRORIZANTE PROPAGANDA DO MEDO

*Como a maior organização terrorista do mundo recruta e fascina através das redes sociais*

AL-ALAM NEWS NETWORK



*Militante do ISIS utiliza câmera no peito para filmar com perspectiva de primeira pessoa*

**GIULIA SALETTO E PEDRO MALAN**

Nela primeira vez no terceiro milênio, a grande maioria dos países do mundo parece ter encontrado um inimigo em comum: o Estado Islâmico (ISIS, na sigla em inglês). Nascido como uma dissidência da Al-Qaeda, o grupo extremista estabeleceu-se como uma das principais forças no Oriente Médio, especialmente na Síria e no Iraque. Os objetivos, as técnicas e as estratégias dessa organização terrorista são diferentes de todos os outros grupos conhecidos que também promovem o terror.

O plano de recriação do antigo califado em pleno século XXI e o estabelecimento como um Estado Nacional soberano são só algumas das metas tra-

çadas pelos integrantes do EI. O Estado Islâmico aterroriza opositores e “vende” sua ideologia por meio de uma propaganda moderna, com intensa utilização das mídias digitais, além de estrutura horizontal e ideologias de terror jamais vistas no mundo do terrorismo.

O grupo tem como comandante principal o califa Al-Baghdadi que, em seus discursos, promete devolver aos muçulmanos a dignidade, o poder, os direitos e a liderança das terras sagradas.

Baseado na fé islâmica, Al-Baghdadi seria o substituto do profeta Maomé, ou seja, um líder acima de qualquer lei. Enquanto o califa discursa, sempre à frente de uma câmera, há uma equipe de tradutores ao redor do mundo trabalhan-

do para divulgar instantaneamente o texto em sites jihadistas na internet em vários idiomas.

## O discurso do “medo” e o processo de recrutamento

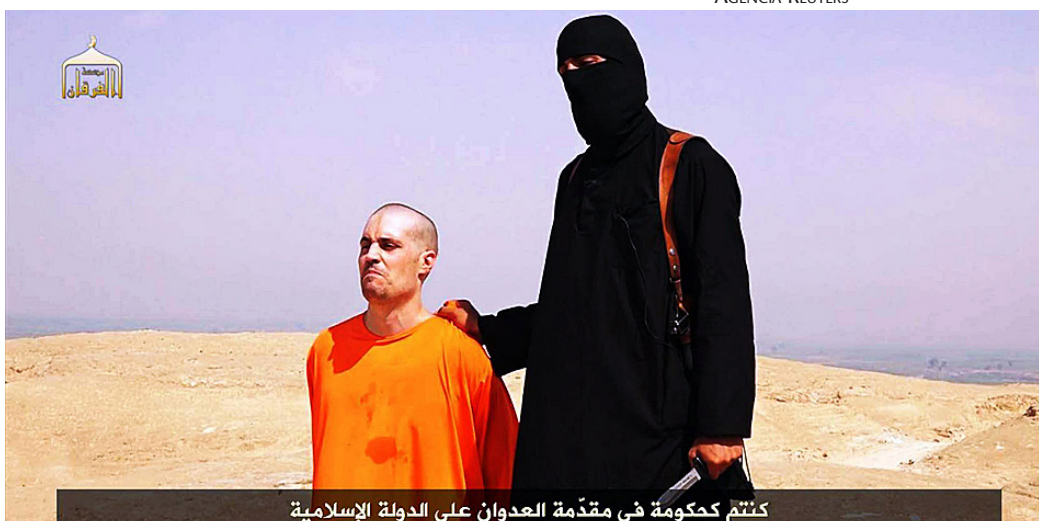
A mensagem do Estado Islâmico é direcionada, principalmente, para a juventude muçulmana desprovida de direitos, vítima da desigualdade econômica e social, em países como o Egito e Iraque. É também sedutora para a abandonada juventude muçulmana que vive na Europa e na América. Esses jovens lutam para se integrar a uma sociedade ocidental que oferece cada vez menos oportunidades e se fecham em preconceitos religiosos e racismos.

Para o professor da UFRJ e doutor em Ciências Sociais pela Uni-

camp, André Botelho, nenhuma outra organização armada mostrou uma compreensão tão profunda da situação política das sociedades do Oriente Médio. Com base nesse conhecimento, o grupo é capaz de seduzir esses jovens a ingressarem na organização, com um discurso nacionalista, religioso, e principalmente de ódio contra os países que os reprimem. “O Estado Islâmico conhece a força da chamada ‘propaganda do medo’, e tem sido muito hábil no uso de redes sociais para divulgar a sua mensagem. Essa ideologia é facilmente transmitida com a ajuda da tecnologia e das redes sociais. Os militantes sabem que o medo veiculado por esses instrumentos é uma arma forte” – explica.

De acordo com o docente, o EI tem uma verdadeira máquina de guerra da comunicação: um conglomerado que controla uma rede de produtoras espalhadas por países como Arábia Saudita, Egito, Iraque, Síria e Rússia. Todo esse aparato possibilita a produção constante de novos vídeos que chegam diariamente ao seu público-alvo.

E não é nada como aquelas cenas monótonas da década passada, que mostravam Osama bin Laden dentro de uma caverna, discorrendo sobre o Islã e ameaçando o Ocidente. Os vídeos do ISIS são feitos sob medida para motivar e angariar os jovens: abusam de cenas de ação, inspiradas em filmes e jogos de videogames, e colocam em primeiro plano o adolescente muçulmano que quer fazer parte dessa luta. As imagens capturadas em primeira pessoa, filmadas com uma câmera GoPro



Vídeo do jornalista James Foley sendo decapitado ao vivo foi repercutido em todos os países ocidentais

colada ao peito, dão a sensação de que a pessoa que as está assistindo é o próprio soldado no campo de batalha.

### O forte uso das redes sociais

Para o material de propaganda sair do meio do deserto sírio e iraquiano e chegar ao lugar desejado, a organização inicia uma avalanche de compartilhamentos em redes sociais, retweets e links em aplicativos de mensagens. Com um mecanismo avançado, o grupo evita que as postagens sejam apagadas pela política de segurança e privacidade do Twitter no meio do caminho.

O doutor em Estudos Árabes e docente da disciplina História Contemporânea da UFRJ, Muriilo Meihy, ressalta a importância das redes sociais como tática do EI. Segundo ele, hoje em dia, as grandes mídias vivem à procura das imagens mais impactantes e sensacionalistas, e os atos de violência bárbara do Estado Islâmico tornam-se fontes indispensáveis. “As decapitações públicas gravadas são formas

mediáticas de trazer a sociedade civil do Ocidente para os problemas causados pela falência diplomática e humanitária, conduzida pelas principais potências geopolíticas do mundo contemporâneo. As organizações de notícia podem até tentar censurar as imagens brutais ou torturas do grupo, mas o foco do EI são as redes sociais, e essas são raramente censuradas” – avalia.

Pesquisadores também apontam o uso de crianças-soldados como um dos fatores mais aterrorizantes do grupo, que recruta menores de idade e adolescentes para combater no front. Meihey destaca, entretanto, que este hábito não é uma invenção do Estado Islâmico, nem mesmo um fenômeno distante da nossa realidade. “A utilização de fuzis leves como a AK-47 favorece o uso das crianças no campo de batalha, já que se trata de uma arma de fácil manuseio. Durante a Segunda Guerra Mundial, na Guerra do Paraguai em meados do século XIX, nas guerras civis africanas do período da Guerra Fria, ou mesmo na Guerra Irã-



Tradicional formação dos prisioneiros antes do fuzilamento em vídeo

-Iraque no fim do século XX, era constante colocar crianças em conflitos militares. O Estado Islâmico é uma organização tão cruel quanto o tráfico de drogas no Rio de Janeiro, que também utiliza crianças nos combates e destrói a integridade desse setor fragilizado da sociedade civil” – enfatiza.

No livro *A fênix islamista*, a jornalista Loretta Napoleoni, especialista em terrorismo, assegura que, ao contrário do que os veículos de comunicação do Ocidente divulgam, o Califado não é mais violento e bárbaro do que nenhuma organização armada do passado. A diferença é o uso que ele faz da tecnologia para divulgar atrocidades e promover a própria causa.

Na véspera do início da Copa do Mundo de 2014, o EI divulgou pelo Twitter uma partida de futebol disputada por seus membros, onde as “bolas” usadas por eles eram as cabeças decepadas de seus opositores. De início, isso é um feito tão brutal que assusta qualquer um.

No entanto, tal atrocidade já tinha sido feita pelo grupo armado de Kosovo, em 1990, onde decapitaram crianças para produzir a mesma crueldade.

Com a tecnologia atual, organizações como o Estado Islâmico têm a possibilidade de utilizar a propaganda da violência com mais eficiência e de forma inovadora. O vídeo com a decapitação de James Foley, o jornalista americano capturado na Síria em 2012, espalhou-se com imensa rapidez pelo mundo. A mensagem de medo foi estendida a um público global, em vez de ficar restrita a uma audiência local.

No passado, a inexistência de redes sociais e a preferência dos veículos de comunicação de censurar imagens, nos protegeu da exposição aos crimes terríveis perpetrados por grupos como o Kosovo. Hoje, no entanto, as atrocidades do EI chegam até nós instantaneamente pelas redes sociais e são retransmitidas e compartilhadas pelos principais veículos

de comunicação. Loretta Napoleoni acredita que a tecnologia não modifica nem amplia a natureza das mensagens violentas divulgadas pelas organizações armadas. Seu conteúdo propagandístico continua sendo, portanto, o de disseminar o medo entre inimigos e o de recrutar ou converter jovens para possíveis seguidores do movimento jihadista.

## Manipulação da informação

O Estado Islâmico é experiente em manipular as redes sociais para disseminar mitos ou informações falsas com o único objetivo de assustar ou convencer. Afinal, quem terá a certeza de dizer que os vídeos publicados por eles são falsos ou manipulados? O EI e seus seguidores entendem a importância desses ambientes virtuais, principalmente por eles causarem nas pessoas reações irracionais ao lidar com questões misteriosas e aterrorizantes. Eles investiram uma quantidade extraordinária de energia em redes sociais para divulgar profecias assustadoras, sabendo que elas produziram um efeito “cascata”.

Loretta Napoleoni conta que em 2011 a organização atraiu experientes combatentes, com conhecimento militar notável, que não estavam interessados em nenhum outro grupo armado. A propaganda enganou todo mundo e escondeu a desoladora realidade de que, no fim de 2010, o EI no Iraque estava à beira da extinção e que a migração para a Síria era a última opção na luta pela sobrevivência.

A experiência com redes sociais e tecnologia do ISIS facilita




Para impressionar, o grupo queima prisioneiros e publica isso ao vivo em vídeos compartilhados pela internet

a propagação da mensagem ideológica do grupo através de toda a internet, mas o foco principal deles é o Twitter. Uma pesquisa feita pela revista *The Atlantic*, uma publicação americana baseada em Boston, descobriu que o Estado Islâmico recebe cerca de 70 “repostagens” ou compartilhamentos para cada post feito por eles no Twitter. Lá, eles divulgam informações associadas às hashtags mais populares para, assim, alcançar o maior número de leitores e, possivelmente, jovens que queiram se afiliar ao grupo. Tudo com o maior cuidado para não serem capturados pelos mecanismos de análise da plataforma.

A reportagem ainda mostra que o grupo desenvolveu um aplicativo próprio, chamado Dawn, que se associa ao perfil do usuário na rede e publica

notícias, imagens e hashtags, como uma forma de manter todos os envolvidos informados com as últimas notícias do grupo. Nos dias em que o EI prepara alguma ação, como a invasão à cidade de Mosul, no Iraque, foram contabilizados mais de 40 mil “tweets” pelos usuários do aplicativo.

Mesmo com a perda recente de terras e soldados, o Estado Islâmico segue com forte influência nas redes sociais através de sua busca incansável de novos recrutas, e do material de propaganda feito para chocar o mundo ocidental. O objetivo da organização, de estabelecer-se como um Estado Nacional no Oriente Médio, ainda se apresenta como risco e demonstra o poder do grupo de criar uma nova forma de terrorismo no mundo. Uma coisa é certa: o

Estado Islâmico foi pioneiro no modo de potencializar a tecnologia ao seu favor. 

### Para saber mais

**NAPOLEONI**, Loretta. *A fênix islamista*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

**BERGER**, J.M. *How ISIS Games Twitter*. 2014. <http://www.theatlantic.com/international/archive/2014/06/isis-iraq-twitter-social-media-strategy/372856/>

**ROMERO**, Luiz. *6 técnicas do Estado Islâmico nas redes sociais*, 2015. <http://super.abril.com.br/blogs/superlistas/6-tecnicas-do-estado-islamico-nas-redes-sociais/>

**Canal Philos**. *A Importância da Propaganda e da Tecnologia para o Estado Islâmico*. <https://www.youtube.com/>